





Livros em Revista

Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)



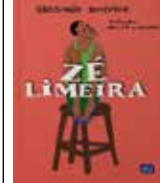
Por Que Você Não Deve Empreender: O que o método START ensina sobre como você deve se preparar para essa jornada

Edu Camargo – Citadel – O título é bem chamativo e parece que vai ser surpreendente porque em sã consciência somos sempre motivados ao contrário. É uma sacanagem do bem! Edu é um profissional bastante “calejado” e, ao ler a honraria póstuma endereçada ao seu amigo/irmão, vê-se que também trata-se de uma personalidade ímpar. Criou o método START, claro fruto de suas andanças mercadológicas e muita poeira de estrada. O sistema está muito bem embasado. Sua experiência ameanhou ingredientes suficientes para levar empresas e profissionais ao perseguido sucesso, bem como sua manutenção. Uma bela tacada!



Quem Está Formando Nossos Filhos?: Manifesto por uma infância e adolescência livres de telas

Marina Helou - Tinta da China – Marina que é a autora da lei que restringe a utilização de aparelhos que facilitam acesso às redes sociais, durante o período escolar, nesta obra reafirma a necessidade de pais, responsáveis e educadores de manterem-se firmes na direção de fazer com que os jovens sintam-se socialmente mais presentes. Marina percebeu que num recreio em visita a uma escola, o silêncio pairava. Não havia crianças correndo ou alaridos habituais. Todos estavam imersos em seus aparelhos. Isso acontece também no seio familiar. Marina aponta problemas e oferece soluções. Inegável é também a importância dos aparelhos para obtenção de informações. O segredo está no comedimento. Oremos!!



Zé Limeira

Gregorio Duvivier – Bruna Lubambo (Ilustr) – Elo – Zé Limeira é um menino de sorte, com rima, conseguiu enganar até a morte: Isso pega! Este escriba impregnou-se. Zé Limeira criação do artista Gregório, é um menino nondestino que é simplesmente brilhante. Em qualquer situação sempre tem uma boa rima que deixa o interlocutor desconcertado. Lembrando o ritmo de emboladas. Até a ceifadora de vidas não conseguiu agarrá-lo. Com ilustrações belíssimas, crianças e adultos darão boas gargalhadas com esse ilustre personagem. Gostoso!



Do Abismo à Liberdade: 20 sinais de um relacionamento abusivo que ninguém percebe até ser tarde demais

Nélly Trindade – Emó – Nélly sentiu na pele, literalmente, o abuso de um familiar, na sua tenra idade. Por medo e ou vergonha, calou-se. Em sua trajetória de vida, continuou sua sina abusiva. No caos, rebelou-se. Deu um basta. Transformou-se em sua própria terapeuta, após vários diagnósticos enviesados. Na obra, ensina como ver, sentir, analisar momentos de até pré abuso. Sinais, as vezes não são evidentes. Quando estes se instalam, como defender-se. Dicas valiosíssimas em cada capítulo. Oportuno!!

www.bcctelevision.com.br

Assista ao programa Livros em Revista. Um canal repleto de novidades do universo literário. Entretenimento garantido!



Com apresentação de Ralph Peter.



Proclamas de Casamentos

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL

33º Subdistrito - Alto da Mooca

ILZETE VERDERAMO MARQUES - Oficial

Faço saber que os seguintes pretendentes apresentaram os documentos exigidos pelo Art. 1525, do Código Civil Atual Brasileiro e desejam se casar:

O pretendente: **VICTOR LUIZ ALVES DA SILVA**, estado civil solteiro, filho de Paulo Sergio Alves da Silva e de Ana Lucia Alves da Silva, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo - SP. A pretendente: **BÁRBARA DAMIAN ANTIGNANI**, estado civil divorciada, filha de José Luis Antignani Gilabel e de Mara Aparecida Damian Antignani, residente e domiciliada neste Subdistrito, São Paulo - SP.

O pretendente: **GABRIEL SAGGESE**, estado civil solteiro, filho de Cassio Saggese e de Elisabete Cristina Arruda Saggese, residente e domiciliado neste Subistrito, São Paulo - SP. A pretendente: **LAIS GARBI MOLINARI**, estado civil solteira, filha de Helcio Cezar Molinari e de Simone Garbi Santana Molinari, residente e domiciliada neste Subdistrito, São Paulo - SP.

O pretendente: **JÔNATAS SANTANA DE CARVALHO**, estado civil solteiro, filho de Ariovaldo Miguel de Carvalho e de Fatima Maria Santana de Carvalho, residente e domiciliado neste Subdistrito, Alto da Mooca - São Paulo - SP. A pretendente: **LORENA BARBOSA AMORIM**, estado civil solteira, filha de Antonio Amorim e de Maria Aparecida Barbosa Amorim, residente e domiciliada neste Subdistrito, Alto da Mooca - Paulo - SP.

Se alguém souber de algum impedimento, oponha-se na forma da lei. Lavro o presente, para ser afixado no Oficial de Registro Civil e publicado na imprensa local

Jornal Empresas & Negócios

FinOps e cibersegurança: o custo invisível de rodar agentes de IA sem controle

O mercado corporativo entrou na fase de adoção em massa de agentes de IA, mas trata o tema como se fosse apenas uma decisão de produtividade, mas não é

Daniel Tieppo (*)

Cada agente colocado em produção é, ao mesmo tempo, uma linha de custo que escala sozinha e uma identidade digital com acesso a sistemas, dados e decisões. Quando essas duas dimensões não são geridas juntas, o resultado é o mesmo em quase todos os casos: gasto que ninguém previu e vulnerabilidade que ninguém mapeou.

Os números do investimento em IA ajudam a dimensionar a pressão. Segundo previsão divulgada pela Gartner em maio de 2026, o gasto mundial com inteligência artificial deve chegar a US\$ 2,59 trilhões neste ano, alta de 47% sobre 2025, com 40% das aplicações corporativas incorporando agentes de IA especializados até o fim do ano, ante menos de 5% no início do período.

O desafio é que a própria Gartner projeta que mais de 40% dos projetos baseados em agentes de IA serão cancelados até o fim de 2027, e os motivos citados não são falta de interesse ou de talento: são custos que saem do controle, valor de negócio pouco claro e controles de risco inadequados. A própria consultoria que descreve a explosão do investimento também descreve, na mesma pesquisa, por que boa parte dele será desperdiçado.

O gasto que ninguém vê chegar

A raiz financeira do problema tem nome: FinOps, a disciplina que une engenharia, finanças e negócio para dar visibilidade ao consumo de nuvem. Ela virou termômetro do quanto a IA descontrola: já preocupa o mercado. O relatório State of FinOps 2026, que reúne organizações responsáveis por mais de US\$ 69 bilhões em gastos de nuvem, mostra que 98% das empresas já gerenciam especificamente despesas com IA dentro do escopo de FinOps, um salto em relação aos 63% registrados em 2025 e aos 31% de 2024, a curva

que não é monitorado em termos de acesso. FinOps e cibersegurança, nesse cenário, deixam de ser disciplinas paralelas e passam a ser dois sintomas do mesmo problema de raiz, que é a ausência de governança sobre um recurso que se multiplica sozinho.

Quando a economia financia o risco

Existe ainda uma pressão adicional que empurra as empresas para esse ponto cego. Em boa parte das organizações, a expectativa hoje é que o investimento em IA se autofinancie: a economia gerada pela otimização de nuvem e de sistemas legados deve ser redirecionada para custear a expansão de novos agentes. Isso significa que a equipe de FinOps não está apenas cortando desperdício, mas sendo cobrada para acelerar a adoção de agentes com o dinheiro que ela mesma economiza — um incentivo direto para escalar mais rápido do que a governança de segurança consegue acompanhar.

É justamente esse descompasso entre velocidade de adoção e capacidade de governança, e não a tecnologia em si, que coloca tantos projetos de IA em risco. Quando custo, acesso e controle não evoluem na mesma medida, aumentam tanto as chances de desperdício financeiro quanto a exposição a riscos operacionais e de segurança.

A resposta não está em escolher entre controlar gasto ou controlar acesso, e sim em tratar as duas coisas como uma função só: nenhuma empresa deveria colocar um agente em produção sem responder, ao mesmo tempo, quanto ele pode custar em escala e a quais sistemas ele tem permissão para chegar. Ferramenta que ninguém monitora financeiramente tende a ser a mesma que ninguém monitora em termos de acesso — e as duas lacunas, juntas, custam mais caro do que qualquer uma delas isoladamente.

(*) Especialista em cibersegurança e Diretor Executivo da Hexa Security.

de adoção mais rápida que a fundação já registrou em dois anos.

O motivo do salto é operacional. Diferentemente de uma carga de trabalho tradicional, um agente de IA consome GPU e tokens de forma variável, funciona 24 horas por dia e, quando implementado de forma descentralizada — cada equipe criando o próprio agente, em instâncias separadas —, gera um total que nenhum painel único consegue enxergar. Um agente sozinho pode custar poucos dólares por dia; multiplicado por centenas rodando em paralelo, o valor se torna significativo antes que alguém perceba.

Cada agente é também uma porta de entrada

O lado da segurança dessa mesma equação é ainda menos visível do que o financeiro. De acordo com dados apresentados pela IBM durante o Think 2026, para cada identidade humana registrada nos sistemas corporativos, existem hoje entre 45 e 90 identidades não humanas operando nos mesmos ambientes, com contas de serviço, chaves de API e, cada vez mais, agentes de IA com autonomia para acessar CRMs, ERPs e caixas de e-mail sem intervenção humana. Uma análise da Cloud Security Alliance de 2026 sobre a proliferação de tokens encontrou que mais de 16% das empresas nem sequer rastreiam a criação dessas identidades, o que significa que o inventário básico simplesmente não existe.

O agravante é que agentes de IA não se comportam como contas de serviço tradicionais. Eles interpretam contexto, decidem sequências de ação e podem solicitar acesso a recursos que seus criadores não anteciparam, sem padrão comportamental fixo que sirva de linha de base para detectar anomalias e sem capacidade de responder a um desafio de autenticação multifator.

O preço duplo do descontrole

Quando a governança falha nesses dois eixos ao mesmo tempo, a conta chega em dobro. O Cost of a Data Breach Report 2025, da IBM, identificou que 20% das organizações que sofreram violação de dados foram comprometidas por meio de shadow AI — ferramentas de inteligência artificial adotadas sem aprovação da área de segurança —, e que esses incidentes adicionaram, em média, US\$ 670 mil ao custo total da violação.

Mais grave: 97% das organizações que registraram incidentes relacionados à IA não tinham controles de acesso adequados para essas ferramentas. O mesmo estudo mostrou que apenas 29% das empresas usam tecnologias de governança de IA para reduzir risco, enquanto 87% seguem sem política formal para o tema.

É a confirmação, em números, de algo que a lógica já sugeria: o agente que não é monitorado financeiramente costuma ser também o agente

Sua empresa quer IA ou só automatizar a bagunça?

Renan Vellone (*)

Após passar pela curva de adoção, empresas se deparam com uma nova realidade no uso de Inteligência Artificial no âmbito corporativo: como transformá-la em força efetiva de trabalho. Segundo dados da McKinsey, embora 88% das empresas implantem ou experimentem IA, 81% relatam não observar ganhos significativos no resultado.

Há, portanto, uma pergunta que o mercado ainda não parece fazer com a mesma urgência com que discute ferramentas, modelos e produtividade: o que de fato precisa ser transformado antes de instalar IA para funcionar? Antes de escolher a tecnologia, é preciso entender o problema, onde ele acontece, quem está envolvido, quais informações são usadas e quais decisões precisam ser tomadas. Afinal, a IA aplicada a um processo mal estruturado acelera a complexidade. Processos bem desenhados podem valer mais que a própria tecnologia.

Processos com etapas desnecessárias, informações espalhadas, regras pouco claras, sistemas que não conversam entre si e decisões que dependem de muito trabalho manual devem ser o foco da automatização — aqui, trata-se de ganhar agilidade e escala.

É este é o ponto crítico de atuação da consultoria. A distância entre o desenho do processo para a rotina diária pode ser quilométrica. Daí, é quando aparecem os atalhos, os retrabalhos, as exceções e atividades que foram incorporadas à rotina ao longo dos anos. A empresa não precisa ter uma operação perfeita para começar a usar IA. Mas, precisa saber o que pretende melhorar e onde a tecnologia pode contribuir.

Essa é uma visão amplamente vivenciada pela Kumulus em um projeto recente, em parceria com a Microsoft, para a Porsche Cup Brasil, onde os processos de avaliação de danos no veículo que ocorre após um acidente precisaram ser revisados, bem como integrações sistêmicas precisaram ser realizadas para que de fato o uso de inteligência artificial e das automações pudesse trazer ganhos efetivos, e assim otimizar em 40% o processo.

A jornada exigiu entender como essas informações eram utilizadas e quais decisões precisavam ser tomadas antes de definir como a tecnologia seria incorporada ao fluxo.

Governança vem na frente da construção do projeto

Quanto maior a autonomia de uma solução de IA, maior o cuidado com o que

ela pode acessar, fazer e recomendar. Agentes de IA podem consultar fontes, interpretar informações, executar tarefas e interagir com sistemas, exigindo limites e controle de acessos. No Brasil, a governança ganha relevância pelos riscos éticos, financeiros e reputacionais. O PL 2.338/2023 prevê multas de até 2% do faturamento bruto, limitadas a R\$ 50 milhões por infração. Investidores, grandes empresas e mercados internacionais também pressionam por maior maturidade, enquanto normas como o EU AI Act e a ISO 42001 reforçam a importância da governança para empresas que buscam atuar globalmente.

A tecnologia não isenta o risco — ainda que seja mínimo. O papel de uma boa arquitetura e de uma boa governança é reduzir riscos, criar controles e estabelecer mecanismos para que a solução funcione dentro dos limites definidos pela empresa. Mais do que escolher ferramentas, empresas precisam entender sua operação e onde a tecnologia pode gerar resultados. Caso contrário, correm o risco de apenas automatizar processos que deveriam ser, a priori, repensados.

(*) Diretor de Operações de Projetos na Kumulus, com atuação em estratégia de Data & AI e liderança de projetos de transformação digital em diferentes setores.

Empresas

& Negócios

Este documento foi assinado digitalmente por Jornal Empresas E Negocios Ltda. Para verificar as assinaturas vá ao site http://assinaturas.certsign.com.br e utilize o código EBAE-B4AE-A31B-FC3A.



PROTOCOLO DE ASSINATURA(S)

O documento acima foi proposto para assinatura digital na plataforma Certisign Assinaturas. Para verificar as assinaturas clique no link: <http://assinaturas.certisign.com.br/Verificar/EBAE-B4AE-A31B-FC3A> ou vá até o site <http://assinaturas.certisign.com.br> e utilize o código abaixo para verificar se este documento é válido.

Código para verificação: EBAE-B4AE-A31B-FC3A



Hash do Documento

B8A5385CE32C9DAD4E9EB946C00AF7E2794B39532418D2FCF940D375EC7C9EF4

O(s) nome(s) indicado(s) para assinatura, bem como seu(s) status em 25/09/2026 é(ão) :

- ☒ Lilian Mancuso - 05.687.343/0001-90 em 25/09/2026 19:42 UTC-03:00
- Nome no certificado:** Jornal Empresas E Negocios Ltda
- Tipo:** Certificado Digital - JORNAL EMPRESAS E NEGOCIOS LTDA - 05.687.343/0001-90

Evidências

Geolocation: Location not shared by user.
IP: 172.16.4.7
AC: AC Certisign RFB G5

